

# PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS NA GUINÉ-BISSAU<sup>1</sup>

Alamada Bidiandé<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como propósito avaliar a participação das mulheres no processo da produção de arroz e de hortaliças na Guiné-Bissau. A pesquisa objetiva-se a descrever quais são as atividades realizadas pelas mulheres durante a produção de arroz e de hortaliças. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se assenta numa abordagem qualitativa exploratória, tendo como técnica coleta de dados bibliográficos e uso das entrevistas que nos permite avaliar a participação das mulheres durante as atividades agrícolas nas zonas rurais da Guiné-Bissau. Ao longo do estudo, verificamos que as mulheres participam ativamente nas produções agrícolas e as mesmas possuem papéis muito relevantes durante o processo de cultivo de arroz e de hortaliças.

**Palavras-chave:** arroz - cultivo - Guiné-Bissau; Balanta (povo africano) - usos e costumes; mulheres do campo - Guiné-Bissau - aspectos sociais.

## ABSTRACT

This article aims to evaluate the participation of women in the process of rice and vegetable production in Guinea-Bissau. The research aims to describe what are the activities performed by women during the production of rice and vegetables. From the methodological point of view, the research is based on an exploratory qualitative approach, having as technique collection of bibliographic data and use of interviews that allows us to evaluate the participation of women during agricultural activities in rural areas of Guinea-Bissau. Throughout the study, we found that women participate actively in agricultural production and they have very relevant roles during the process of growing rice and vegetables.

**Keywords:** Balanta (African people) - uses and customs; rice - cultivation - Guinea-Bissau; rural women - Guinea-Bissau - social aspects.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Dourado Bueno.

<sup>2</sup> Bacharela em Humanidades e licencianda em Ciências Sociais pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um país situado na África Ocidental, faz fronteira com Senegal e a Guiné. Foi independente desde 1974 e tem como a língua oficial a Língua Portuguesa, possui superfície total de 36.125 km<sup>3</sup>. O mesmo país é composto por oito regiões e um sector autónomo, que são, respectivamente: Cacheu, Oio, Biombo, Quinara, Tombali, Bolama, Bafatá, Gabu e Bissau, capital do país, administrativamente autónomo, por isso Setor Autónomo de Bissau. As regiões estão subdivididas em trinta e seis (36) setores, e estes em seções, que são constituídas por tabancas (aldeias). A população do mesmo país é estimada em 1.852.284 habitantes, sendo 911.588 (50,4%) de mulheres e 895.836 (49,5%) de homens<sup>2</sup>. De acordo com Indjai (2014), 65% dos habitantes desse país vivem em áreas rurais.

No país, o cultivo de arroz e a produção de colheita de caju são consideradas as principais produções agrícolas. A produção agrícola é caracterizada pelas pequenas propriedades tradicionais que pertencem às pessoas que vivem na zona rural e as mesmas realizam 90% da produção alimentar com base nos seguintes alimentos: arroz, milho, mandioca, batata-doce, inhame, mancarra, feijão, hortaliças e condimentos. Esses alimentos citados geralmente são cultivados pelas mulheres. Elas produzem também frutas como: mangas, bananas, citrinos, porém, o cultivo de arroz é prioritário de todas as produções, pois, é a base das famílias guineenses (MINISTÉRIO DE AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL, 2017, p.36).

Nas comunidades rurais, as mulheres têm tarefas diferentes com os dos homens, ou seja, mulheres e homens têm responsabilidades desiguais durante o trabalho agrícola. Os homens geralmente são responsáveis pelos cultivos em grande/larga escala, ao passo que as mulheres são responsáveis pelos cultivos de pequena escala, garantindo assim o sustento da família, e é importante ressaltar que as mesmas desempenham um papel muito importante na agricultura, pois grande parte do trabalho (55%) é feito por elas (MINISTÉRIO DE AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL, 2017, p. 31).

É importante frisar que as mulheres, além de serem responsáveis pelos cultivos de pequenas escalas, as mesmas participam ativamente no processo da produção, isto é, no cultivo de arroz desde início, trabalho que é caracterizado como tarefa especificamente dos homens (cultivo de grande escala), mesmo assim, a participação delas no último trabalho citado é considerada como uma simples ajuda.

---

<sup>3</sup> Conforme os dados do relatório da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), atualizado em 2018.

Diante desse contexto, pode-se questionar: quais são as atividades realizadas pelas mulheres durante o trabalho da produção de arroz na Guiné-Bissau? A nossa pesquisa tem como propósito avaliar a participação das mulheres no processo da produção e desenvolvimento das atividades agrícolas, em especial na produção de arroz e de hortaliças na Guiné-Bissau. Além disso, objetivamos identificar o contexto em que ocorre o trabalho da produção agrícola na Guiné-Bissau; verificar os mecanismos da participação das mulheres e a relação de gênero que ocorre dentro desse processo e o papel das mulheres durante a produção de arroz e de hortaliças.

Pretende-se com o mesmo artigo contribuir para enaltecer o papel das mulheres no processo e no desenvolvimento das atividades agrícolas, em especial de arroz, que é de extrema importância para a realização do mesmo trabalho. Geralmente, suas contribuições são consideradas como uma simples ajuda, auxiliando assim os homens durante o trabalho de campo. Contudo, percebe-se através dos dados que as mulheres são responsáveis pela maior parte das tarefas durante a produção agrícola e são fundamentais para a realização do mesmo trabalho.

Em termos metodológicos, o presente artigo se assenta em método qualitativo de natureza bibliográfica e exploratória. Para realização da nossa pesquisa, fizemos levantamentos bibliográficos sobre temas relacionados à nossa pesquisa, elaboramos questionários e realizamos entrevistas. Mas, as entrevistas foram aplicadas para a realização da pesquisa, onde participei como bolsista sob a orientação da Dra. Prof. Juliana Dourado.<sup>4</sup>

Entrevistamos onze jovens, cinco meninas e seis meninos da faixa etária entre 24 à 30 anos, e de diferentes partes do país, tais como: Binar, Biambi (região de Oio), Biombo, Cassine (região de Tombali), Calequisse (região de Cacheu), Djiu de Galinha, Sâcoma (região de Cacheu).

Para a coleta de dados, fizemos o planejamento das atividades (roda de conversa e entrevistas), definimos as datas, em seguida fizemos a divulgação da atividade e convites individuais para jovens que já tiveram experiências com os trabalhos nas tabancas ou que pertencem às famílias que trabalham nas zonas rurais entre estudantes de graduação da Unilab do campus dos Malês. Elaboramos um roteiro, com temas e perguntas que iriam nos possibilitar coletar informações para continuarmos a nossa pesquisa, as atividades foram realizadas remotamente em salas virtuais, tendo em conta a situação em que o mundo se encontra (pandemia). A primeira atividade aconteceu no dia 23/11/2020, tivemos a participação de seis homens e duas mulheres, sem contar comigo e a minha orientadora, a atividade teve duas horas

---

<sup>4</sup> Lavradores das tabancas: socializando o modo de vida rural em Guiné-Bissau, financiado pela Fapesb (Fundação de amparo a pesquisa do estado da Bahia), entre 2020 à 2021.

de duração. A segunda atividade aconteceu no dia 31/11/2020 e tivemos a participação de seis homens, a duração era de duas horas também.

As entrevistas foram realizadas no mês de agosto de 2021, mas, antes entramos em contato com os jovens que já participaram das atividades (rodas de conversas) que realizamos nos primeiros meses da pesquisa, e a maioria deles (cinco homens e duas mulheres) aceitaram o convite para participar da entrevista (individual), no google Meet. E, em seguida, fizemos a sistematização dos dados em quadros. Os dados foram sistematizados em quadros, contendo informações principais sobre as entrevistas, a partir de temáticas que julgamos importantes para a pesquisa.

O artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira parte, além da introdução, apresentamos o contexto do trabalho da produção agrícola na Guiné-Bissau; no segundo tópico, os mecanismos da participação das mulheres e a relação de gênero que ocorre dentro desse processo da produção agrícola é apresentado, e no terceiro e último tópico, discute-se o papel das mulheres durante a produção de arroz na Guiné-Bissau.

## **2 CONTEXTO DO TRABALHO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA NA GUINÉ- BISSAU**

A Guiné-Bissau possui uma população aproximada de 1.584.000 habitantes, sendo que a maioria (65%) vive em áreas rurais. É importante destacar que, em decorrência do processo de separação das terras gerado pelo processo de colonização, é muito difícil distinguir o rural e o urbano na realidade guineense (INDJAI, 2014, p. 69). Conforme alguns documentos da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura – FAO – analisados, não existe uma definição clara do que seria o espaço rural, ou seja, não existe o conceito que difere a área rural e área urbana. A mesma organização ressaltou ainda que os bancos de dados dos Serviços de Cadastro da Guiné-Bissau incluem somente as famílias de origem urbana que deslocam da zona urbana para rural ao trabalho (agricultura) (INDJAI, 2014, p. 69).

Para Indjai (2014), é possível afirmar que atualmente as pessoas ocupadas em atividades agrícolas na Guiné-Bissau se subdividem em duas categorias: os pequenos produtores das tabancas (aldeias) e os ponteiros. Os ponteiros geralmente estão em propriedades maiores e ocupam os melhores terrenos agrícolas (além de terem recebido terra do Estado), sua produção é basicamente capitalista e tem como objetivo a geração de lucro. Por outro lado, o mesmo autor afirma que os lavradores das tabancas, por sua vez, estão em propriedades menores e têm suas economias voltada para a subsistência da família. Eles produzem arroz, milho, raízes,

amendoim, feijão, diversas frutas, algodão, mandioca, caju, milho e sorgo, além de se ocuparem de atividades de pesca e pecuária (INDJAI, 2014, p. 76).

Esse tipo de produtor geralmente produz para a subsistência, em poucos casos consegue produzir excedentes, e quando isso acontece, é em menor quantidade e são comercializados nos mercados locais. Por ano, cada família de agricultores cultiva uma superfície de 1 a 5 ha (hectares): é destinado uns 3 ha e às vezes acrescentam mais uns 0.5 ha para cultivar milhos, mancarra, feijão e mandioca e os 2 ha que restam serve para a plantação de caju e outras frutas. E este tipo de produção alimentar consegue cobrir as necessidades alimentares das famílias de 6 – 9 meses por ano (MINISTÉRIO DE AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL p. 36).

Na capital guineense, os lavradores são vistos com uma visão preconceituosa e são inferiorizados o tempo todo, caracterizadas como pessoas antiquadas que não estão acompanhando com a evolução, mas, nas tabancas esses mesmos lavradores são considerados como pessoas muito importantes para comunidade, pois os mesmos batalham para garantir o sustento das suas famílias e, da sociedade guineense em geral, pois, esses alimentos que eles produzem são comercializados e acaba sendo sustento de várias pessoas inclusive aqueles que entendem que são superiores aos lavradores/as.

Até agora na Guiné-Bissau, o lavrador é uma pessoa de personalidade um pouco contravertida, alguns vêm no lavrador uma pessoa um pouco retrasada, uma pessoa assim, tem até alguns estigmas que a gente rotula sobre os lavradores, ele é lavrador, ele é de ponta (zona rural). Só que existem também outras pessoas que vêm nesse lavrador, um verdadeiro cidadão que luta com as suas próprias mãos, que busca com o seu próprio suor (INDI, 2021).

Geralmente, podemos aferir de que existe esta relação preconceituosas entre as pessoas que vivem na capital (Bissau) com o entendimento de que são superiores aos que vivem nas zonas rurais do país pelo fato de viverem na capital. Essa visão de interiorização da população se aplica ao povo rural em geral, mesmo sabendo que quando precisarem do dinheiro muitas pessoas saem da capital para zonas rurais, principalmente na época de castanha de caju para participar da colheita e ganharem dinheiro, que pelo visto não conseguiriam tão fácil na capital. Essa dicotomia cidade e zona rural também ocorre nas relações de gênero, principalmente na atribuição das funções e desempenhos durante o processo de preparo e da produção dos alimentos agrícolas que em seguida será o foco da nossa análise.

### 3 OS MECANISMOS DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES E A RELAÇÃO DE GÊNERO QUE OCORRE DENTRO DO PROCESSO DA PRODUÇÃO

Nesta secção, para compreendermos a participação das mulheres guineenses no processo e no desenvolvimento das atividades agrícolas nas zonas rurais, é muito importante, primeiramente, entendermos o que é o gênero ou conceito de gênero. A Oyeronke (2004, p.1-9), no seu artigo intitulado “*Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas*”, que tem como objetivo interrogar gênero e conceitos aliados com base em experiências e epistemologias culturais africanas, define o gênero como uma construção sociocultural, e isso porque varia de sociedade para sociedade, depende da sociedade em que o indivíduo nasceu/vive, pois logo na infância as crianças são ensinadas/os a comportar de uma certa maneira, se for menina é ensinada a comportar-se de forma diferente de um menino.

Na Guiné-Bissau, mulheres e homens são educados ou ensinados de diferentes maneiras. As mulheres desde pequenas são ensinadas a fazer os trabalhos domésticos, cuidar da casa em geral, e são obrigadas a aprender a fazer comida, ao passo que os homens, desde infância, são ensinados de que precisam ser corajosos e trabalhadores, pois, mais tarde (futuro) terão que cuidar da sua família, ou seja, vai ser responsável futuramente. Então, características ligadas à força, assertividade e a coragem são associadas a homens, enquanto que características ligadas à fragilidade, como delicadeza, são associadas às mulheres.

Portanto, a divisão do trabalho entre mulheres e homens na mesma sociedade é visto desde muito cedo como resultado dessa construção social. Isso acaba determinando o que uma mulher deve ou não deve fazer/ser e como um homem deve se comportar. Como Martins explica, em artigo elaborado acerca da *Participação das mulheres guineenses no mercado informal e suas contribuições para o crescimento da economia na Guiné-Bissau*:

São esses comportamentos que regem a discriminação pelas mulheres, e, ao mesmo tempo, acaba por diferenciar em certos padrões comportamentais. O homem foi ensinado a não chorar, a não demonstrar a fraqueza e ser chefe de família e líder, enquanto a mulher ela foi ensinada de outra forma, sempre quando senta tem que fechar as pernas, tem que saber tarefas domésticas e ser obediente ao seu marido, portanto é ali que assenta a desigualdade, isto é, a diferença no papel desempenhado entre o homem e mulher, bem como, nos lugares que são ocupados pelas mulheres na sociedade (MARTINS, 2022, p. 6).

Como foi mencionado acima, a desigualdade entre as mulheres e os homens se verifica principalmente através das instituições, tanto público ou privado. Os homens sempre são

ocupantes de lugares de destaque em detrimento das mulheres que, mesmo possuindo e dotado de capacidades para desempenhar as mesmas funções, encontram barreiras socialmente construídos que as dificultam a ocupar esses espaços.

Ainda Martins mostra outro aspecto inerente a situação das mulheres:

Na sociedade guineense, a mulher não é vista como alguém que é capaz de liderar por causa da “sensibilidade” que elas apresentam. Já que são vistas como incapazes e não têm capacidade suficiente ou habilidades intelectuais. Por mais que uma mulher seja formada e demonstra a sua capacidade para assumir um determinado cargo, o sistema não lhe permite assumir esse lugar, uma vez que a sua condição de ser mulher é associada à ideia de uma fragilidade maior que a colocasse em uma situação de total dependência, o fator que impuseram-lhe a limitação desses cargos (MARTINS, 2022, p. 8)

É importante salientar que as mulheres, além de serem consideradas como incapacitadas ou cuidadoras de lares, como ajudantes dos homens em alguns trabalhos, ou seja, sempre são colocadas em segundo plano, elas, pelos fatos apresentados, têm grande importância na sociedade e, principalmente no contexto estudado. Durante o processo histórico guineense, em várias dimensões, as mulheres deram contributos importantíssimos, como, por exemplo, na luta pela libertação nacional contra administração colonial portuguesa, a participação das mesmas tem sido de grande relevância. Segundo Gomes (2015):

A contribuição das mulheres foi importante e permitiu alcançar objetivos em termos de organização das novas instituições nas áreas libertadas. As mulheres guineenses tiveram destaque em alguns domínios, tendo a componente feminina do movimento da libertação contribuído de forma positiva, para a mudança de mentalidades sociais, sobretudo nos meios rurais, em que a resistência a sua presença, em lugares de decisão era mais evidente (GOMES, 2015, p. 171).

Como é sabido, na Guiné-Bissau e na maioria dos países, a política geralmente é dirigida pelos homens, mas, nos últimos anos nota-se uma certa melhoria, em alguns momentos as mulheres têm participado dando as suas contribuições. No ano 2018 um grupo de mulheres parlamentares apresentaram ao parlamento guineense uma proposta de lei de quotas, que vai permitir uma maior participação das mulheres no espaço público. Em seguida, a proposta foi discutida e, posteriormente aprovada por unanimidade no parlamento do país. A mesma proposta de lei deixa as seguintes recomendações, como consta no jornal “O Democrata”, veículo de comunicação que circula no referido país: “determina a participação das mulheres em 36 por cento, mas a sua implementação localiza apenas em cargos eletivos, designadamente assembleia nacional popular, e Autarquias Locais” (O’ democrata, 2018).

Essas evidências demonstram a melhoria e um avanço significativo, pois, a mesma lei vai servir de incentivo para mulheres tentarem desconsiderar a política como espaço que não serve para elas, como foi construído socialmente. De certa forma, vai permitir a participação das mesmas nos grandes momentos de tomadas de decisões ligados ao país. As mulheres guineenses têm uma participação muito forte na economia do mesmo povo. Com o trabalho informal que as mesmas realizam é importante frisar que elas ocupam a grande parte do mesmo fator, portanto, não só contribuem para o crescimento da economia do país, mas também para a sobrevivência e a manutenção de muitas famílias.

As mulheres guineenses ocupam grande parte do setor informal, garantindo assim um grande fluxo desse espaço, sendo elas a maioria da população. Segundo Inquérito Regional Integrado sobre Emprego e Setor Informal (ERI-ESI) (201. p. 62 - 70), em geral, as mulheres participam em todas as atividades econômicas e são majoritárias no ramo de Agropecuárias, de Caça e Apoio (51,1%), Silvicultura, Extração de Madeira e Atividades de Apoio (55,8%), comércio a grosso (54,1%), comércio retalhista (68,5%) e alojamento e restauração (81,4%). No entanto, existem regiões em que elas não são majoritárias, mas acabam dominando o ramo em questão (MARTINS, 2022, p.16).

Mesmo com essa ocupação no setor informal, e as contribuições que as mesmas dão para sociedade guineense, os trabalhos feitos por elas continuam a ser invisibilizados e desvalorizados, pois nas zonas urbanas herdou-se tudo do colonizador, especialmente o patriarcado, infelizmente. Como Martins mostra:

É importante salientar que apesar delas contribuírem para o crescimento socioeconômico do país, o trabalho delas continua a ser desvalorizado, devido ao machismo que coloca a mulher sempre inferior ao homem e por ser um trabalho onde não precisa de nível acadêmico e, sobretudo, é ocupado majoritariamente pelas mulheres, assim passa a ser desvalorizado ainda mais (MARTINS, 2022, p. 10).

Na mesma linha com a autora, entende-se que na mesma sociedade, as mulheres contribuem bastante, mas mesmo assim, as suas contribuições não são consideradas como importantes, pois são trabalhos feitos pelas mulheres, seria muito diferente se fossem trabalhos feitos pelos homens. É importante mostrar que os trabalhos que as mulheres fazem são bastante importantes para o crescimento do país e para manutenção de grande parte das famílias guineenses. E, essas situações se verifica também dentro do processo da produção agrícola.

#### 4 RELAÇÕES DE GÊNERO DENTRO DO PROCESSO DE TRABALHO AGRICOLA

No livro intitulado *Dicionário crítico do feminismo*, Hirata et al., aborda a questão sobre a divisão sexual do trabalho. Conforme a autora, mulheres e homens vivem nas condições que não têm nada a ver com o destino biológico, porém são resultados das construções sociais, e ainda ressalta que homens e mulheres são envolvidos numa relação específica que são as relações sociais de sexo e essa mesma relação, como todas as relações sociais, possuem sempre uma base material, portanto, neste caso a base material é o trabalho e se manifesta através da divisão sexual do trabalho entre os sexos, ou seja, divisão sexual do trabalho (Hirata et al. 2009, p. 67).

Conforme a história, a divisão sexual de trabalho é uma forma de divisão do trabalho social e é exatamente o resultado das relações sociais de sexo existentes. Na esfera produtiva, os homens são prioritários e as funções dos mesmos são de grande valor social e as mulheres são consideradas da esfera reprodutiva. Como a autora demonstra:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.). Essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um de mulher) (HIRATA EL AL.P. 67).

As duas formas de divisão de trabalho apontadas vêm evidenciando as formas sociais de tratamento que as mulheres sempre são sujeitas vitimadas pelo sistema que valoriza as ações dos homens em relações a das mulheres. No texto sobre Trabalho das mulheres nos espaços rurais, Aguiar (2017) aborda a questão dos trabalhos atribuídos efeitos pelas mulheres nos espaços rurais, que é muito importante para entender a condição econômica desigual das mulheres envolvidas na agricultura. Conforme o texto, entende-se que existe uma separação entre trabalhos, que não é facilmente vista quando se tratada produção familiar, porque não existe separação entre a unidade familiar e a produção. Existe uma separação entre trabalhos ditos produtivos e não produtivos, que acaba inferiorizando os trabalhos feitos pelas mulheres nas zonas rurais e não só, e o mesmo acaba ficando irreconhecível. Essa situação dá ênfase à construção de significado de sexos construída pela sociedade e, sendo assim, essas categorias são posicionadas dentro de relações hierárquica e de poder, dando mais valor ao trabalho masculino considerado como trabalho produtivo (AGUIAR, 2014, P.

136).

No meio rural, a mulher é atribuída ao trabalho de reproduzir, que é identificado ao espaço privado porque não é expresso em valores monetários e também é considerado improdutivo. Apesar da sua participação ativa no trabalho agrícola, fazendo o mesmo trabalho que os homens, a participação das mulheres nesse processo é considerada como uma simples ajuda e, é normatizado serem vistas como “ajudantes” dos seus maridos considerados “agricultores”. Essa é uma das causas que faz com que se diz que os trabalhos feitos pelas mulheres são invisibilizados (AGUIAR, 2014, p. 137).

#### 4.1 PAPEL DAS MULHERES DURANTE A PRODUÇÃO DE ARROZ E DE HORTALIÇAS NA GUINÉ- BISSAU

Nas zonas rurais da Guiné-Bissau, desde a infância, meninas e meninos acompanham os trabalhos dos pais na agricultura para adquirir mais experiências, compreender as técnicas agrícolas e artesanais, o trato dos animais e os trabalhos domésticos. As meninas participam na *monda* (capinar), descasque do arroz, moagem dos milhos, colheita da mancarra (amendoim), venda de pequenas quantidades de produtos agrícolas, preparação das refeições e outros trabalhos domésticos. E os rapazes são pastores, pois vigiam as produções, transportam o alimento para os campos dos cultivos (MINISTÉRIO DE AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL, 2017, p. 38).

É importante ressaltar que nas zonas rurais o trabalho feito pelas crianças é considerado como uma fase de preparação dos futuros herdeiros, como um valor que deve ser transmitido aos filhos, ou seja, é como um legado (MINISTÉRIO DE AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL, 2017, p.38).

As mulheres participam ativamente nos trabalhos agrícolas, tanto da grande escala assim como da pequena escala, e os entrevistados descrevem o cultivo de arroz como lavoura de larga escala, e o cultivo das hortaliças como a lavoura de pequena escala, onde são cultivados legumes, como por exemplo, repolho, cenoura, tomate, etc.

Segundo os entrevistados e as entrevistadas, em algumas regiões a bolanha onde o arroz é cultivado, geralmente não costuma ser considerado propriedade de ninguém, por exemplo, numa família, o mais velho vai ser considerado responsável por mesmo terreno, mas não significa que pertence somente a essa pessoa e, muitas das vezes, é uma herança, portanto, não pode ser vendida.

Na minha terra natal, a terra de cultivo de arroz ou bolanha, não pertence a ninguém porque é uma propriedade deixada de geração para geração, mas a responsabilidade dessa propriedade é de quem é mais velho, o mesmo vai dividir cada qual com o espaço dele para poder trabalhar e sustentar a família dele. E tem alguns espaços que é da linhagem que é passada de família para família e ninguém pode vender aquele espaço (região de Cacheu, Calequisse) (VILELA, 2021).

Nas entrevistas, os entrevistados afirmam que o arroz é trabalhado nos meados de mês de junho/julho até dezembro/janeiro, portanto esse período é considerado como a época de produção de arroz na Guiné-Bissau. Por outro lado, eles também concordaram que, durante os trabalhos agrícolas, principalmente durante a época de cultivo de arroz, as tarefas são divididas, ou seja, existem tarefas específicas para mulheres e para homens durante todo o processo. E o arroz é trabalhado primeiramente na terra e depois na bolanha, portanto a divisão de tarefas é visível nesses dois espaços, na zona menos úmida(terra) e mais úmida (bolanha).

[...] cultivam o arroz perto da bolanha numa zona não tão úmida quanto a bolanha, cultivam e só depois de arroz ter uma certa altura e pegam e levam para a bolanha. Nesse caso, os trabalhos são divididos na zona úmida e zona menos úmidas, nessas duas zonas os homens é que laboram [...] (SÁ, 2021).

O trabalho acontece da seguinte forma: primeiramente, os homens viram a terra, que é um trabalho considerado “deles”, pois exige mais força física e as mulheres ficam responsáveis por semear as sementes. Depois de um certo tempo, ou seja, quando o mesmo crescer até uma certa altura, as mulheres voltam para o campo para continuar as tarefas delas que é de tirar e transportar os arrozes para a bolanha, essas tarefas são feitas pelas mulheres.

Como bem explica um dos entrevistados:

A questão da divisão do trabalho, normalmente são divididos em trabalhos mais específicos para mulheres e tem também para os homens, por exemplo, na lavoura, o cultivo de arroz são os homens os responsáveis para fazer o trabalho da lavoura, o arroz que é trabalhada na terra e depois na bolanha, naquele processo de transplante as mulheres é que fazem o trabalho. Vão lá na terra onde o arroz é plantado, primeiramente tiram e levam para a bolanha e lá os homens continuam o trabalho até a colheita. (INDI, 2021).

Como se pode perceber, essa divisão é baseada muito na questão física, um dos pilares que alimentam o machismo. Como os homens são considerados mais fortes fisicamente, eles são encarregados de virar a terra; e as mulheres como corpos frágeis e com certo "dom de cuidar", elas são responsabilizadas a cuidar do transplante, transporte (carregando arrozes na cabeça), e do semear na bolanha. Portanto, as mulheres nesse primeiro momento do cultivo no espaço menos úmido têm a tarefa de semear, transplantar e transportar os arrozes (a pé) para a

bolanha, e tanto elas como os homens continuam trabalhando (na bolanha), mas com papéis diferentes. Além disso, é importante destacar que as mulheres são responsáveis pela comida então, é a responsabilidade delas ministrar bem o tempo para assim poderem conciliar as tarefas citadas.

Depois de transplantar os arrozes para bolanha, que podemos considerar como o segundo momento do mesmo trabalho, deixam os arrozes até amadurecer. As mulheres nesse segundo momento do cultivo são responsáveis por arrancar/colher, malhar e peneirar os arrozes e depois transportar através de uma bacia na cabeça a pé independentemente da distância para casa ou lugar onde os arrozes devem ser guardados, essa tarefa são as mulheres que fazem. Depois da colheita, na fase final da produção, as mulheres têm o papel de administrar a quantidade de arroz conseguido no cultivo, onde as mesmas vão separar a quantidade para o consumo da família e a quantidade que vai ser usado para o cultivo do próximo ano agrícola, porém com a colaboração dos homens.

Quando chegar o momento da colheita quase é o mesmo processo porque mulheres são vistas como administradoras da casa (na tradição Balanta) o homem tá mais para partilhar a ideia ou auxiliar. Então, quando o arroz chega as mulheres em colaboração com os homens, separam os que vão cultivar no próximo ano e a outra parte para o consumo durante o ano todo (BLATA, 2021).

Uma das entrevistadas realça que em algumas tabancas na época de cultivo de arroz criam grupos conforme idade ou estado civil, as mulheres não ficam de fora, participam desses grupos que têm como objetivo ajudar cada integrante durante o processo de cultivo nos trabalhos, mas, o mesmo grupo tem a obrigação de ajudar só uma vez se o integrante precisar de ajuda pela segunda vez, a pessoa precisa dar algum valor para o grupo.

Durante época de cultivo mulheres e homens principalmente jovens na tabanca são divididas em grupos conforme idade por exemplo, mulheres casadas vão criar um especificamente para elas, as adolescentes também. Na época de cultivo de arroz esses grupos colaboram para trabalhar ou ajudar cada membro ou integrante do grupo durante todo o processo, só que a integrante deve decidir em que momento vai precisar da ajuda do grupo, pois o grupo tem a obrigação de ajudar só uma vez e se a pessoa vai precisar da ajuda mais de uma vez tem que dar algum valor (CAMARÁ, 2022).

Sendo assim, entende-se que o mesmo trabalho exige a colaboração de toda a comunidade e é feito através de seleções, grupo de pessoas compreendida numa certa faixa etária. Por exemplo, pessoas compreendidas de 17 a 20 anos formam uma seleção, todas as pessoas na comunidade compreendida nesta idade estarão participando desta associação que é

a seleção para ajudar no trabalho, então, se uma pessoa desta idade tiver trabalho os outros vão ter que ajudar e assim sucessivamente.

Na lavoura de “pequena escala”, as mulheres encarregam de fazer todos os trabalhos desde o início até fim, virar a terra, semear os legumes, apanhar água para regar, enfim, cuidam do processo todo até quando os legumes amadurecerem, esse tipo de trabalho exige força. Então, de certa forma, isso mostra que as mulheres também podem fazer trabalhos que exigem esforço físico maior, tanto quanto os homens. E na verdade, considerando todo o processo, tanto da grande e pequena escala, as mulheres têm maior participação no processo de produção. Como um dos entrevistados explica no trecho abaixo:

[...] lavouras de pequenas escalas que as mulheres assumem em grande parte, em uma outra ocasião talvez elas peçam para os homens para fazer outros trabalhos, mas, em grande maioria delas encarregam de fazer tudo, viram a terra e colocam os legumes por exemplo, o repolho, a cenoura, tomate, então, fazem tudo sozinhas e encarregam de cuidar de todos os processos até o amadurecimento dos legumes e tiram uma parte para o consumo e outra parte para vender (UNA, 2021).

Depois dos produtos amadurecerem, elas separam alimentos para o consumo familiar e o resto é vendido. Atualmente, o sector informal é ocupado majoritariamente pelas mulheres na Guiné-Bissau, portanto, as mesmas com esse trabalho além de sustentara família com o valor conseguido nas vendas dos produtos cultivados conseguem custear a escola/universidade dos filhos/as, garantir que os mesmos se vistam bem, ou seja, o principal objetivo das mulheres é investir nos filhos para que os mesmos tenham um futuro brilhante, como um dos entrevistados explica: “as mulheres com esse trabalho conseguem sustentar a família, colocar as crianças na escola e pagando então, essas agora as que estão dedicadas mais nessa escala menores elas encarregam de todo o processo” (UNA, 2021).

## **5 CONSIDERAÇÃO FINAIS**

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa observou-se que nas zonas rurais da Guiné-Bissau, durante as produções agrícolas, mulheres e homens assumem papéis desiguais durante os trabalhos. Diante disso, a pesquisa teve como objetivo avaliar a participação das mulheres no processo da produção de arroz e de hortaliças na Guiné- Bissau. Constatou- se que o objetivo da pesquisa foi alcançado, porque efetivamente a pesquisa demonstrou que as mulheres

participam seriamente nos trabalhos agrícolas, e as mesmas são responsáveis pela maior parte do trabalho durante o processo das produções, principalmente o cultivo de arroz e de hortaliças.

Conforme os dados analisados e as entrevistas realizadas, entende-se que as mulheres e homens possuem papéis diferentes durante os trabalhos agrícolas, principalmente nas lavouras de grande escala (cultivo de arroz) e de pequenas escalas. Na lavoura de grande escala, as mulheres são responsáveis por semear as sementes, transplantar, transportar os arrozes para bolanha (a pé) e quando chegar a colheita, as mesmas encarregam de arrancar/colher os arrozes, malhar, peneirar e separar a quantidade para o consumo da família. E na lavoura de pequena escala, elas assumem o trabalho no seu todo, sem a participação dos homens, ou seja, elas cuidam do processo desde início até fim, elas viram a terra, semeiam, regam e quando os legumes amadureceram as mesmas separam a quantidade que vai ficar para o consumo da família e o excesso é vendido.

Em suma, as mulheres rurais guineenses são a força maior dos trabalhos agrícola, em especial, a produção de arroz e de hortaliças. Elas rompem a expectativa do gênero nas zonas rurais, afirmando com as suas ações que uma mulher é capaz de fazer trabalhos que exigem força, tanto quanto os homens.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. V. P. **O trabalho das mulheres nos espaços rurais. Raízes:** Revista de Ciências Sociais e Econômicas. v. 37, n. 2, p. 134-149. 2017.

AMPA, Agnaldo. **O ´democrata-gb:** Deputados guineenses aprovam lei de quota, link: <http://www.odemocratagb.com/?s=sobre+quota>

GOMES, Patrícia Godinho. **O estado da arte dos estudos de gênero na Guiné- Bissau: uma abordagem preliminar.** Outros Tempos–Pesquisa em Foco História. 2015

HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo.** São Paulo: Editora UNESP, 2009

INDJAI, Mamadi Queluntã. Políticas públicas na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável da Guiné-Bissau. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional. Pato Branco: UTFPR, 2014

MARTINS, Rosiani Sanca. Participação das mulheres guineenses no mercado informal e suas contribuições para o crescimento da economia do país, 2021

MINISTERIO DA AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL. Plano de desenvolvimento agrícola regional de Bafatá. Direcção Regional da Agricultura e Desenvolvimento Rural. – Bafatá, 2017.

OYEWUMÍ, Oyèrónké. **Conceituando O Gênero: Os Fundamentos Eurocêtricos Dos Conceitos Feministas E O Desafio Das Epistemologias Africanas.** Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004.